



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 13, v. 2 mai.-out.2020  
p. 01-21.

# Construídas no feminino: relações histórico-culturais no corpo e no gênero das travestis

*(Construídas en lo femenino: relaciones histórico-culturales en el cuerpo y género de travestis)*

*(Constructed in the feminine: historical-cultural relations in the body and gender of travestis)*

Andrews do Nascimento Duque<sup>1</sup>

Daniel Cerdeira de Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo é um desdobramento de uma dissertação de mestrado que se centrou na compreensão do desenvolvimento das travestis que moram na cidade de Manaus, baseado na perspectiva da psicologia histórico-cultural proposta por Vygotsky. Partimos da prerrogativa que o desenvolvimento da identidade de gênero terá forte influência dos aspectos sociais, históricos e culturais. O objetivo deste trabalho é analisar as relações histórico-culturais no desenvolvimento identitário das travestis que moram na cidade de Manaus. Como metodologia, escolhemos a pesquisa qualitativa, que tem como instrumento a entrevista semiestruturada; os dados coletados foram transcritos e então submetidos à análise dos núcleos de significação. Os resultados, a partir das falas das participantes, indicaram que em seus desenvolvimentos, elas são fortemente marcadas por concepções presentes na cultura ocidental, tais como: idealizações de gênero, aspectos políticos, econômicos e socioculturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórico-cultural; Desenvolvimento; Gênero; Travestis.

**Abstract:** This paper is the result of a thesis focused on understanding the development of travestis who live in the city of Manaus, Amazon, Brazil, from the perspective of the cultural-historical psychology proposed by Vygotsky. We start from the assumption that the development of gender identity strongly influences social, historical and cultural aspects. We then analyzed the historical-cultural relations in the identity development of travestis who live in the city of Manaus. The methodology chosen was a qualitative research with semi-structured interview, the data collected were transcribed and then subjected to meaning core analysis. The results from the speeches indicated that, in their development, they are strongly marked by conceptions present in Western culture, such as gender idealizations and political, economic and socio-cultural aspects.

**Keywords:** Historical-cultural; Development; Gender; Travestis.

**Resumen:** Este artículo es parte de la disertación de maestría que investiga la comprensión del desarrollo de las travestis que viven en la ciudad de Manaus, desde la perspectiva de la psicología histórico-cultural propuesta por Vygotsky. Partimos de la prerrogativa de que el desarrollo de la identidad de género tendrá fuerte influencia de los aspectos sociales, históricos y culturales. El objetivo de este trabajo es analizar las relaciones histórico-culturales en el desarrollo identitario de las travestis que viven en la ciudad de Manaus. La metodología utilizada fue la investigación cualitativa, que tiene como instrumento la entrevista semiestruturada, se transcribieron los datos recolectados para luego someterlos al análisis de los núcleos de significación. Los resultados a partir de los relatos de

<sup>1</sup> Psicólogo; Mestre em Psicologia e Processos Psicossociais (UFAM). E-mail: [andrews.duque@gmail.com](mailto:andrews.duque@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicólogo; Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental; Especialista em Psicologia Social; Mestre em Psicologia e Processos Psicossociais (UFAM) e doutorando em Psicologia Social e Cultura (UFSC). E-mail: [dancerdeira01@gmail.com](mailto:dancerdeira01@gmail.com)



las participantes indicaron que, en sus desarrollos, están fuertemente marcadas por concepciones presentes en la cultura occidental, tales como idealizaciones de género, aspectos políticos, económicos y socioculturales.

**Palabras clave:** Histórico-cultural; Desarrollo; Género; Travestis.



Estudos que possuem as travestis como protagonistas têm despertado interesse de pesquisadores em várias partes do Brasil, os quais tem trazido para o meio científico aspectos e peculiaridades relativas aos seus modos de vida. (BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2009; KULICK, 2008; DUQUE, 2011) A grande parte dessas pesquisas situam direta ou indiretamente os processos de vulnerabilidade que as travestis estão expostas, havendo necessidade de maiores trabalhos sobre as possíveis implicações das questões sociais, históricas ou culturais no seu processo de desenvolvimento psicossocial.

O processo de desenvolvimento é concebido neste estudo em linha com a perspectiva do materialismo histórico dialético, como uma dimensão “complexa, inacabada, resultando do processo constante de tensão entre o sujeito histórico e as condições materiais em que vive”. (FARIA; SOUZA, 2011, p. 42) Em outras palavras, uma pessoa não se desenvolve separada do contexto social e histórico; ou seja, partimos da prerrogativa de que qualquer fenômeno humano não pode ser descolado de aspectos da realidade social, como a violência, exclusão, preconceitos e demais concepções, mas devem ser considerados integrados complexamente em nossa construção enquanto pessoas.

Entendemos que a compreensão do desenvolvimento identitário não é um fim em si mesmo, mas considera-se que somos influenciados por valores, crenças, comportamentos, estereótipos e relações socialmente construídas e historicamente situadas, as quais influem na relação com seus corpos, desejos e práticas sexuais, envolvendo “complexos processos de aprendizagem sociocultural e se atualizam cotidianamente através das formas sociais culturalmente convencionadas”. (HEILBORN, 2012, p. 64) Portanto, tivemos como objetivo analisar como as implicações histórico-culturais interferem no desenvolvimento identitário das travestis que moram na região urbana da cidade de Manaus para, então, compreender em que amplitude a cultura influência nos seus corpos e gêneros.

Um dos motivos para a elaboração deste estudo se deu a partir de dados oriundos de diferentes âmbitos, os quais apontam que o Brasil é um dos países que apresentam elevados índices de violência contra pessoas que rompem com as cis-heteronormatividades. (MARTINS et al, 2010; MOTT et al, 2010; RAMOS; CARRARA, 2006) Para tanto, buscamos compreender quais as relações presentes nessa cultura altamente machista e opressora, onde corpo e gênero são bastante demarcados, as quais acabam legitimando e reproduzindo o ódio contra as pessoas



que descontroem o paradigma da cisgeneridade compulsória. Bem como, nos perguntamos quais os impactos dessa cultura heteronormativa a partir das falas de um grupo de travestis.

## **1. Relações histórico-culturais na compreensão de gênero e sexualidade na sociedade ocidental: pistas sobre a construção identitária travesti**

Estudos apontam que durante um período relativamente grande de nossa história a compreensão da relação entre gênero, sexualidade, orientação sexual e sexo biológico seguiu uma leitura prioritariamente biológica. (DINIS; LUZ, 2007; RUBIO, 2013) Entretanto, tanto a sexualidade quanto o gênero não podem ser limitadas ao desenvolvimento dos órgãos genitais. (HEILBORN, 2012) Partindo da perspectiva histórico-cultural, ela é vista a partir de um enfoque muito mais complexo e dinâmico, e não mais em uma abordagem estritamente biológica, ao considerar que os aspectos históricos e culturais estão fortemente envolvidos no seu desenvolvimento.

As expressões de gênero e sexualidade fazem parte do cotidiano de todas as culturas humanas e fundamentam-se como constructo central na formação de todas as sociedades. Neste sentido, percebe-se que esta dimensão está “presente desde o nascimento, tendo um tempo e um ritmo que lhe são próprios”. (FRANÇA; BAPTISTA, 2007, p. 202) No entanto, a sociedade na qual uma pessoa está inserida lhe direcionará para determinadas formas de exercer sua sexualidade; isto é corroborado por Bicalho et al (2012, p. 34), ao enfatizar que “a sexualidade como conhecemos e suas normas operam como um potente dispositivo de controle de corpos, populações e modos de existência”.

A cultura ocidental apresenta em sua constituição histórico-cultural uma forte presença de determinados valores e crenças para os quais a sexualidade sempre foi um incômodo. Dessa maneira, ela foi sendo gradativamente controlada e o domínio sobre o que deveria ser disseminado no meio social se intensificou. Como principal estratégia de monitoramento representada pela união do homem e da mulher no matrimônio, criaram-se técnicas e formas de poder para que os fiéis fossem conduzidos a confidenciar suas questões ao sacerdote, através daquilo que foi se estruturado no século XV como forma de desvendar das pessoas suas informações mais íntimas. (DANTAS, 2010)

Além dos processos religiosos, destacam-se os processos políticos e ideológicos que fundamentaram a construção da sociedade ocidental. Isto porque a classe dominante, a



burguesia, situa no gênero e na sexualidade o lugar social onde se deveria vigiar, confessar e transformar em discurso – ironicamente, não recusa em reconhecer sua pertinência; entretanto, instaura-se todo um aparelho para produzir discursos de verdade sobre o sexo. (FOUCAULT, 1988) Entre outras coisas, o ato sexual é estigmatizado e à mulher é imposto o dever de ser recatada, obediente ao marido e à Igreja, silenciando determinadas vivências.

O discurso científico também foi influenciado pelas ideologias religiosas e seus valores como forma de estabelecer uma verdade sobre sexo, sexualidade e gênero. Dessa forma, compreende-se que “o sexo torna-se objeto de saber por meio de dispositivos de poder nos discursos sobre a sexualidade presentes, por exemplo, no discurso médico científico que busca a normatização da sexualidade”. (DINIS; LUZ, 2007, p. 05) No que se refere a esse olhar biomédico, Foucault (1988) aponta que a psiquiatria teve forte colaboração nesses discursos, incluindo as perversões sexuais e desvios de comportamento como forma de monitorar as pessoas ‘extravagantes’, bem como a própria justiça penal com os crimes antinaturais. Todos estes elementos exerceram controles sociais sobre as sexualidades, passando a tentar regulá-las, e a proteger e prevenir possíveis desvios e perigos ao se incitar falar sobre o sexo e a sexualidade.

Todas essas contradições atravessaram as sexualidades e as identidades de gênero, bem como as forças e discursos repressores quanto a suas manifestações na sociedade ocidental. As relações entre os gêneros foram mais vigiadas e controladas, as quais apresentam incompatibilidades e paradoxos, pois apresentam marcações fundamentadas na heteronorma – que aponta para formas lineares de existência para as pessoas de acordo com seu sexo biológico. Contudo, “um corpo com caracteres masculinos não indica que o sujeito esteja em uma posição masculina, nem tampouco que as características biopolíticas femininas definem uma mulher”. (PHILIPPI, 2005, p. 29) Assim mesmo, ainda predomina em nossos significados compartilhados no meio social a representação de que existe uma ligação natural entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual, não havendo a possibilidade de negociações ou acordos com o sistema sociocultural dominante.

A contextualização da forma como as sexualidades encontram-se estruturadas no Ocidente nos possibilita adentrar no universo da diversidade de gêneros, que podem ser compreendidas como todas aquelas manifestações de identidade de gênero que vão para além dos limites estabelecidos pela heteronormatividade, onde postula-se que “fora desses dois polos e desses dois gêneros, não há humanidade possível”. (ALOS, 2011, p. 424) Dessa forma, todos



aqueles que não se enquadravam nos moldes estabelecidos por esta sociedade passam a serem vistos como pessoas ‘anormais’.

Paralelas as essas construções polarizadas de gênero e sexualidades, aponta-se que os relacionamentos entre “pessoas do mesmo sexo sempre existiram, desde as sociedades primitivas, em todas as culturas”. (PALMA; LEVANDOWSKI, 2008, p. 771) Dito de outra forma, as relações sexuais não heterossexuais sempre existiram; apesar disso, existe uma forte resistência na cultura ocidental às identidades de gênero que não se enquadram no padrão normatizado – essa negação, em alguns casos, chega a desencadear distintas expressões de violência contra a população LGBT.

A predominância de discursos normativos em relação ao gênero e à sexualidade se manifestam através de significados, legitimados por falas socialmente compartilhadas, os quais em outro período histórico acabaram por patologizar todas as identidades de gênero que não estivessem moldadas a partir do princípio heteronormativo. Por exemplo, encontra-se que a homossexualidade foi durante muito tempo “considerada uma *doença*, e os indivíduos com práticas homossexuais, tratados como se fossem portadores de alguma patologia ou distúrbio”. (TERTO JR, 2002, p. 148) Atenta-se para o fato de que, no desenvolvimento da identidade de gênero de pessoas discrepantes do modelo pressuposto, estas acabam encontrando diversos discursos que influenciam na construção de sua identidade.

Na contemporaneidade, os discursos que caracterizavam as identidades de gênero não heterossexuais como algo, antinatural, pecado, doença, imoralidade e abominação, entre outros, foram excluídos do meio científico, assim como foram retirados dos discursos oficiais de grande parte dos governos mundiais. (LOMANDO; NARDI, 2013) Entretanto, ainda coexistem enunciados que caracterizam as expressões de identidade homossexual, travesti, transexual, lésbicas, etc, como anomalias ou uma exceção em relação à sexualidade e o gênero dito ‘normal’. (BRITZMAN, 2009) Tais definições trazem conotações negativas e patologizantes, reforçando sentimentos de aversão e ódio a essas pessoas.

Quanto a isso, apesar das transformações sociais no decorrer da história da sociedade ocidental produzirem alterações nas relações de gênero, a nossa cultura permanece marcada por uma categorização de gênero que coloca as pessoas em níveis de atitudes e qualidades contrastantes. (HEILBORN, 2012) Quando aplicamos essa mesma relação aos transgêneros, esse dado se torna ainda mais discrepante, devido ao nível de negatividade, estigmas e repressões que



essas pessoas são expostas diariamente por apresentarem uma identidade de gênero fora dos padrões heteronormativos.

De maneira geral, estudos enfatizam que no meio social as travestis são vistas como “marginais, criminosas, vergonhosas, obscenas, desocupadas, inferiores e adjetivos afins. Desqualificações dessa ordem são projetadas pela sociedade maior sobre as travestis, notadamente por serem homossexuais e viverem da prostituição nas ruas”. (FERREIRA, 2009, p. 42) Essas representações continuam a serem reforçadas também pelo discurso científico em que “a produção do discurso acadêmico sobre travestis ainda está diretamente ligada à prostituição, à vigilância e estigmatização diante do HIV/AIDS. (AMARAL et al, 2014, p. 307)

Arelados a uma perspectiva materialista histórico dialética, entendemos que não é possível negar o contexto social, por ser uma realidade concreta, mas que o sujeito, seu corpo e subjetividade não podem ser considerados agentes passivos a serem preenchidas por significados sociais. No caso das travestis, aponta-se que elas têm um papel ativo na construção de significados, pois “ao manipular as formas masculinas de seus corpos, as travestis incorporam significados de gênero polimorfos que são perpetuados socialmente”. (BORBA; OSTERMANN, 2008, p. 416) Nisso, encontra-se seu poder de agência sobre essa realidade; em outros momentos, elas próprias denunciam e borram as fronteiras de gênero “entre estes dois termos, pois estes circundam a multiplicidade de performances de gêneros e sexualidades que nestes casos extrapolam sólidas categorias”. (AMARAL et al, 2014, p. 307)

## 2. Procedimentos Metodológicos

Os achados deste estudo são desdobramentos de um trabalho de campo realizado em uma pesquisa de mestrado<sup>3</sup> e a construção das discussões e do referencial teórico contaram com a participação de outros pesquisadores, seguindo os protocolos para pesquisas científicas instituídos pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas. O trabalho em questão buscou conhecer os modos de vida das participantes e enfocou os relatos dos principais percalços vivenciados por um grupo de travestis moradoras da cidade de Manaus, seguindo uma perspectiva histórico-cultural proposta por Vygotsky. Tendo como objetivo deste estudo contribuir para o conhecimento das principais dificuldades vivenciadas pelas participantes deste estudo.

---

<sup>3</sup> O trabalho de campo foi conduzido pelo primeiro autor do texto.



Nessa pesquisa, tem-se a consciência de que há diferentes formas de apreender os fenômenos humanos, optando-se em seguir uma visão epistemológica do materialismo histórico dialético e uma abordagem teórico-metodológico a partir de um olhar histórico-cultural – o qual nos permite encontrar como o indivíduo se constrói em uma relação dialética com a realidade, valorizando os contextos históricos e culturais que perpassam sua existência. (KAHHALE; ROSA, 2009)

A escolha das participantes foi realizada de forma bastante cuidadosa – visto que ambos os pesquisadores se autodenominam pessoas cisgênero –, a partir do reconhecimento da importância deste lugar de fala. De acordo com a literatura sobre o tema, observa-se que as travestis abarcam aquelas pessoas dissidentes às normas de gênero (AMARAL et al, 2014). De maneira geral, pode-se enfatizar que “a travestilidade é a expressão da fluidez dos desejos e, por conseguinte, dos corpos e dos sexos, revelando a incongruência dos sistemas que buscam relacionar sexo/sexualidade/gênero/identidade sexual”. (JIMENEZ; ADORNO, 2009, p. 365) Em um primeiro momento, poderíamos destacar que a pessoa travesti seria bastante complexa e ampla demais para ser determinada.

Essas pessoas surgem como uma imagem ambígua; como podemos definir que uma pessoa é travesti? Qual a diferença entre a travesti e outras pessoas trans, como a pessoa transsexual ou transformista? O que torna cada uma destas diferentes manifestações de gênero e sexualidade humana muitas vezes reduzidas a uma única vivência? Para contextualizar essas diferenças, é necessário retornar ao universo de significações na qual a figura do travesti se encontra. Segundo Benedetti (2005, p.18)<sup>4</sup> suas diferenças podem ser entendidas da seguinte forma:

Travestis são aquelas que promovem modificações nas formas de seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina.

Todas fazem parte das vivências trans; entretanto, é importante fazer essas distinções nesta pesquisa, pois quando se fala na pessoa travesti, entende-se que existem construções socialmente compartilhadas que tendem a unificá-las – o que acaba por enfraquecer a visibilidade do grupo em termos de participação nas políticas públicas.

<sup>4</sup> Em linha com o pensamento de Benedetti, escolhemos focar nas travestis por uma questão política de trazer visibilidade e fortalecimento a esse grupo social.





A busca pelas participantes deste estudo se norteou prioritariamente pela definição da travesti a partir do postulado por Benedetti (2005). Entende-se também que uma pessoa travesti é concebida neste estudo como uma construção de gênero; logo poderiam ser tanto pessoas do sexo biológico masculino, quanto do feminino. De toda forma, os critérios de escolha das participantes poderão ser mais bem compreendidos a seguir.

Foram escolhidas sete travestis que moram na região urbana da cidade de Manaus e como procedimento para a coleta de dados realizou-se um levantamento dos locais de sociabilidade frequentados pelas participantes da pesquisa – os quais incluíram bares, boates e casas de shows – onde as travestis se encontram e realizam trocas afetivas (BENEDETTI, 2005). Também houve contato com os movimentos LGBT, de forma a compreender como e onde se encontravam as sujeitas da pesquisa, suas representatividades, como as travestis da cidade de Manaus se articulam e a amplitude dos locais onde participam.

Os dados coletados através das entrevistas semiestruturadas foram transcritos e submetidos à análise dos núcleos de significação propostas por Aguiar e Ozella (2013). A análise dos núcleos de significação é construtiva e interpretativa e tem como finalidade ultrapassar a mera aparência de um determinado fenômeno.

Por motivos políticos e por entender que essas pessoas têm uma subjetividade, não sendo apenas um símbolo ou caractere desprovido de significados, escolhemos em conjunto com as participantes nomes que poderiam representar cada uma delas. Dito isto, usamos os seguintes nomes: Fernanda (entrevista 1); Soraya (entrevista 2); Bruna (entrevista 3); Maria (entrevista 4); Joana (entrevista 5); Hilda (entrevista 6); Adria (entrevista 7).

As falas das participantes no decorrer dos resultados foram colocadas na íntegra como forma de trazer a totalidade de seu pensamento, dando assim, visibilidade e protagonismo a elas. A presente pesquisa envolveu seres humanos e por isso poderia representar danos e riscos imediatos ou posteriores aos sujeitos pesquisados. Estando os pesquisadores cientes disso, comprometeram-se em agir segundo as exigências éticas concernentes a coleta, análise e publicação dos dados alcançados, como cita a Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

### 3. Resultados e Discussão

Neste momento, apresentamos os núcleos de significação resultantes das análises de dados.



### 3.1 A busca por um ideal de feminilidade pelas travestis

É presente na fala das entrevistadas que uma das influências bastante significativas em seu desenvolvimento é o ‘ser mulher’; isto foi expresso nas falas: “sempre pensei em ser uma mulher [...] queremos ser uma mulher” (Fernanda); “então eu sou mulher” (Maria); “pensam que eu sou mulher”. (Adria) Entretanto, para ser mulher, como as respondentes evidenciam, é necessário compartilhar de toda uma rede de moldes e formas, como explicitado na seguinte frase: “essas mulheres que onde passam chamam atenção, mulheres das pernas grossas, da bunda grande, tem umas mulheres que tem a barriguinha saradinha, tem aquele bumbunzinho legal, aquelas coxas bem grossa[s]”. (Adria) Esse é um estereótipo de mulher na qual “a beleza, projetada segundo determinados modelos de feminilidade, constitui um bem simbólico poderoso entre as travestis”. (CARDOZO, 2009, p. 91)

A construção da identidade travesti está associada à iniciação da montagem no feminino, que acontece através da “mudança do corpo e à performance da travesti na busca por se sentir mulher”. (BENEDETTI, 2005 p. 96) Além disso, para ser mulher, de acordo com as entrevistadas, é necessário se apropriar de todo um conjunto de objetos e acessórios: “sempre eu vestia de roupa de mulher, sapato alto, então, quando eu fui crescendo, eu achava roupa de mulher bonita” (Soraya); “comecei a me vestir mais como mulher”. (Adria); “[quando] colocava a toalha na cabeça, fingia ter o cabelo longo”. (Joana) Também se percebe que o feminino é parte presente em suas falas: “eu sempre gostei do lado feminino...ser feminina” (Soraya); “sempre me imaginava no feminino” (Joana) ou sobre o universo feminino afirma que “gostava de personagem feminina”. (Hilda)

O cenário urbano é marcado por um bombardeio de imagens, informações e movimentos sobre as representações da mulher. A época atual é a época na qual a cultura da imagem figura como parte do cotidiano. Nesse sentido, a tentativa de identificar a fabricação de imagens da mulher através do mercado de consumo constitui uma temática relevante para os estudos de gênero. Os acessórios são utilizados para expressar a feminilidade e auxiliam a construção do que é mulher. (WOITOWICZ, 2006) O uso de acessórios não é apenas para cobrir o corpo físico. A travesti também se veste com um conjunto de significantes que permitem a leitura do grupo social representado; é a leitura do pertencimento ao grupo, uma fantasia social. (LIMA, 2010)

De outra forma, elas questionam o lugar da feminilidade no seu desenvolvimento: “eu não gosto das coisas femininas, não gosto de usar vestido, não gosto de usar salto alto, tem muita



coisa que eu detesto, eu não gosto de usar batom forte”. (Joana) E também há um movimento de naturalização da mulher, vista de forma bastante estereotipada, caracterizando-a como: “mulher é comportada, quietinha, não é muito vulgar”. (Maria) Ou ocorre um movimento de se diferenciar da mulher: “toda mulher sofre, questão dos dias [em] que ela está de bandeira vermelha, questão de ter um filho, questão de... tem muita mulher que é muito maltratada por homem, eu não quero ser igual a elas...”. (Adria)

Ocorre também uma desconstrução do ser mulher como parte do feminino; isto é percebido na fala: “eu desconstruo o que é ser mulher, não quer dizer nada... ah ser mulher é gostar de rosa, gostar de ter cabelo grande, e blablabla... não, não tem padrão em ser mulher...” (Joana).

Estas falas sinalizam o quanto ser mulher para essas travestis é uma construção de gênero atrelada à feminilidade e a um modo de ser feminino que não pode ser descolado de uma construção cultural. Mesmo quando se nega isso, paradoxalmente, se utiliza da figura da mulher para tal; em outras palavras, para essas pessoas ser travesti é buscar ser mulher porque esse é um ideal construído socialmente, principalmente pelo fato de ser mulher é visto como uma propriedade do universo feminino. Esta é uma influência fortemente presente em suas falas, a partir das quais é possível perceber que “investe-se numa educação corporal e subjetiva concernente àquele grupo, pautada na construção contínua do feminino, um feminino travesti”. (DAMÁSIO, 2009, p. 225)

A busca incessante das travestis por ser uma mulher, onde esse gênero é por elas atrelado à feminilidade, é um achado que tem correlação com outras pesquisas com as travestis. (BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2009; DUQUE, 2011; KULICK, 2008) Aponta-se que o ideal de feminilidade circunscrito no corpo e na subjetividade dessas travestis não é naturalizado como sendo parte delas, mas é construído e compartilhado pelas relações sociais que fazem parte de um universo de representações e significados.

### 3.2 Uma travesti estereotipada e híbrida: prostituição e sexo

Nas falas é percebido que há concepções sociais sobre o mundo da travesti atreladas a questões como a prostituição e o sexo. “a sociedade me olha como profissional do sexo... travesti é um ser que foi feito para o sexo” (Bruna). Esta fala expressa uma construção social que é produtora de processos identitários, na medida em que coloca a travesti em um determinado lugar na sociedade bastante estereotipado. Lugar este que tem na prostituição o seu âmbito



prioritário de apropriação, como reitera outra travesti: “as pessoas vão levar pro lado da prostituição (...) travesti é aquela que está lá na esquina se prostituindo e tal”. (Joana)

A prostituição é o principal destino, muitas vezes tido como único, para a sociabilidade e/ou ganho financeiro da experiência das travestis. Ainda que muitas delas não tenham vínculo e/ou exerçam atividades no mercado do sexo, os discursos referidos mostram que é bastante forte a presença da prostituição no processo de construção da travesti. (DAVI; BRUNS, 2015) Vale destacar que as travestis encontram na prostituição um dos principais meios de renda e são consideradas, no Brasil, como os principais alvos de violência e de morte por fatores externos. (SILVA et al, 2016)

Além disso, percebe-se que elas são atravessadas por uma visão biologizante, na qual a travesti é contrária ao modelo sexo/gênero/orientação sexual postulado pela heteronormatividade, sendo apreendidas como pessoas híbridas:

*Pra sociedade a travesti é uma coisa totalmente masculina, totalmente, que é mais de fetiche mesmo, de homens que tem fetiches de mulheres que tem pênis, né. Ou seja, a cidade vê a travesti como homem que se veste de mulher, que são prostitutas...homem vestido de mulher...totalmente híbrida. (Joana)*

Por meio desta fala, percebemos a dificuldade da sociedade em desnaturalizar o masculino como propriedade do homem e o feminino como pertencente à mulher. Em meio a isto, compreende-se que as travestis são fortemente influenciadas pelo contexto sociocultural, visto que elas acabam se apropriando desses lugares, moldes e formas de ser. Isto é parte de uma idealização do que é se passar como mulher, visto que não querem ser homens. De certa forma, as características do universo feminino também fazem parte do mundo das travestis, onde “[quem] tem o corpo bonito é porque é ninfeta, é novinha”. (Bruna) Outro indício disso é quando se utilizam de hormônio para tornar o seu corpo o mais parecido com o ideal de feminilidade postulado, principalmente pela mídia: “tomava remédio pro meu peito crescer” (Soraya); ou quando se é visto como um ser que “foi feito para fazer ações sexuais”. (Bruna)

Nas suas falas evidencia-se o que se espera da travesti: que ela seja uma ninfeta, tenha o corpo escultural, faça modificações e tome hormônio para que seu corpo possa se parecer o máximo possível com a representação de mulher idealizada; bem como molde suas curvas, coloque silicone e outros adereços para que possa ser uma mulher. Entretanto, aponta-se que



aquelas que não conseguem chegar a esse nível de transformação correm o risco de serem taxadas de “homem que se veste de mulher”. (Joana)

Os seus corpos são atravessados pelas postulações de gênero significadas pela sua cultura e são, continuamente, por elas alterados e negociados. O corpo e a maneira como este se apresenta não são dados por uma constituição biológica e genética. O corpo não é simplesmente consolidado pelo nascimento e pelo desenvolvimento natural da idade cronológica. Suas atribuições não são de ordem natural, mas construídas social e culturalmente. (DINIS; PAMPLONA, 2014)

O corpo das travestis é principalmente uma linguagem, de modo que é no corpo e por meio dele que os significados de feminino e masculino se misturam e se concretizam, conferindo à pessoa suas qualidades sociais. No caso das travestis, elas jogam com ambiguidades que permitem uma reconstrução de seus corpos continuamente agenciados, sendo assim, protagonistas nesse processo.

A partir de suas colocações é possível inferir que existe uma construção social que associa a travesti a prostituição, ou pessoas feitas para o sexo, como sendo o lugar possível para sua existência, bem como, apresentadas como homens que se vestem de mulheres, como seres andrógenos, de corpos híbridos, mutantes, estranhos, doentes, exóticos. (BENEDETTI, 2005) Esses achados indicam que a forma como são percebidas no meio social tem relação com a construção de si dessas sujeitas, uma vez que elas acabam sendo atravessadas por essas produções sociais e culturais, tendo ressonância na história individual e história social delas (VYGOTSKY, 1988).

### 3.3 O mundo do trabalho e a prostituição: lugares possíveis

No que se refere ao mundo do trabalho, a partir da fala das travestis, é possível afirmar que o lugar possível para elas sob o olhar da sociedade é a prostituição. Isto é percebido na seguinte fala:

*A sociedade nos olha, essa é a mais dura realidade..., a sociedade não me olha. Eu vou usar eu mesmo como exemplo, a sociedade não me olha com olhar de..., de no caso, de profissional. Ela me olha como profissional do sexo, acho que pra toda travesti é assim, eu posso tá pintada de palhaço, entendeu? Mas se já tem essa noção do que eu sou, aquela pessoa ali, independente de ser advogado, palhaço, a delegada...é travesti...é um*



*ser que foi feito para o sexo, é um ser que foi feito para fazer, no caso, ações sexuais, erotismo, no caso, ou algo parecido... (Bruna)*

Nesta fala é perceptível que quando se trata de trabalho, a prostituição, aos olhos da sociedade, é o único lugar possível para essas travestis. Isso também é corroborado por outra travesti: “A gente sofre muita discriminação, tipo assim, qual é a visão que a sociedade tem da travesti, que ela é prostituta, que ela é aidética, que ela é marginal, que tá em ponto, que travesti pode roubar. É essa a visão que a sociedade tem, entendeu?” (Hilda)

Outra travesti questiona o lugar que a sociedade lhe coloca e enfatiza que não é a vida de ponto que querem como única possibilidade de sustento:

*Por que que um gay ou travesti não pode ser um médico, não pode ser um professor, entendeu?...muitas de nós que trabalhavam na rua, aquele ponto ali não é uma vida que todos nós queremos, nós queremos mudar de vida. Algumas estão por necessidade porque não conseguiram arranjar trabalho, correm atrás, podem ter o curso que tiverem, pode[m] ter a escolaridade que tiverem, mas sempre não são chamadas, e o que acontece, continuam esse tipo de vida. Muitas estão porque querem sustentar um vício, [ou] então porque gostam mesmo, certas dificuldades, tanto na escolaridade quanto no trabalho. [Se] tiver uma oportunidade do travesti no ambiente de trabalho, acho que a pessoa pegaria (Maria).*

No trabalho dos(as) profissionais do sexo há uma representativa temporalidade que cria a expectativa de que, com o passar do tempo, conseguirão sair da profissão, seja porque encontrariam o ‘tipo ideal’ de homem, seja porque teriam sanado seus problemas financeiros. No entanto, esse processo é lento e nem sempre linear, pois muitas não conseguem construir e manter um relacionamento com um parceiro fixo, tampouco economizar e guardar dinheiro suficiente para mudar de vida – o que contribui para o aumento da desesperança. (GIONGO et al, 2012)

A questão referente a outros trabalhos além da prostituição é para as travestis uma questão bastante problemática e, até mesmo, contraditória. De acordo com elas, as barreiras impostas pela sociedade que a vida na prostituição lhes apresenta, associado a suas condições de vida, muitas vezes não favorecem que elas tenham outras fontes de renda; entretanto, “é absolutamente equivocada a crença de que a vida na prostituição é um ‘vida fácil’”. (BENEDETTI, 2005, p. 47) Nesta pesquisa, as falas das participantes enfatizam que a prostituição não é a vida que elas esperam, mas uma alternativa de subsistência: “o dinheiro é o



que leva as travestis para a prostituição. Elas precisam dele para viver, comer, para o aluguel”. (KULICK, 2008, p. 196)

Com o objetivo de mudar essa realidade, as estratégias utilizadas por travestis para a obtenção de emprego ou constituir um empreendimento têm sido: os contatos pessoais, as influências de amigos, concurso público, as referências de antigos empregadores e as associações entre amigas. Geralmente, os processos seletivos nas empresas não são possibilidades para elas. (RONDAS, MACHADO, 2015) A desmarginalização das travestis no mercado de trabalho ainda é algo muito distante e requer uma mudança estrutural na cultura. Espera-se que com essa pesquisa se possa contribuir para essa mudança.

### 3.4 A mídia e ciência como produtoras de verdade

A mídia e a ciência aparecem na fala delas como sendo fundamentais no seu processo de desenvolvimento enquanto travestis; tanto negativamente, quanto positivamente. A cultura midiática estabelece uma série de normativas sobre os significados de ser homem e ser mulher, funcionando como uma forma de propagar os padrões de gênero ao traçar e construir necessidades do sujeito para alcançar a plena felicidade (OLIVEIRA et al; 2015): “se sentir mulher era a mesma coisa que ser gay, era isso que a sociedade passava na mídia” (Joana); “me inspirava na novela, não tem aquela novela da Bebel?... Da novela que tinha a Bebel” (Soraya). Na novela citada anteriormente, Camila Pitanga interpreta uma garota de programa, que usava roupas coladas, tinha um corpo totalmente moldado e atraente e representa para as travestis um ideal de beleza e feminilidade.

A ciência também tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da travesti, de maneira ambígua:

*Quando eu ouvi o termo travestilidade, travesti, ele [es]tava sendo marginalizado até, como é que eu posso falar; na classe médica, os psiquiatras, os psicólogos, a área de saúde, os médicos, os psicólogos, os psiquiatras classificavam as travestis como homens que tinham fetiches de se vestiam de mulher. Podia[m] fazer mudanças no corpo, mas continuavam a usar o órgão genital, e eram homossexuais que gostavam de se vestir de mulher, mas que não tinham uma identidade de ser mulher, ai...(Joana).*

Fica evidente o poder legitimador que a ciência pode exercer na vida de cada pessoa; torna-se claro também o quanto para as pessoas travestis, transexuais e transgêneros a construção



de identidade pode ser bastante dolorosa. Nas falas de Joana, é notória a sua incessante busca de um lugar possível para sua existência. O seu percurso de conflitos e dúvidas nos sinalizam o quanto nós, produtores de conhecimentos, devemos ter cuidado ao tentar apreender a forma de existência das pessoas e grupos, justamente para não cairmos na pretensão de colonizar o outro com nossos saberes, ditos científicos. “A ciência, ela nunca provou nada sobre identidade de gênero, é apenas especulação”. (Joana) Nessa fala, ela evidencia a sua relação atual com os postulados científicos; de certa forma, desacreditando, desconfiando e duvidando deles.

A patologização das identidades trans como transtorno mental exclui os direitos desses indivíduos, uma vez que a identidade de gênero não constitui transtorno mental. Mesmo a ciência, que tem como característica a construção de conhecimento que culmine no bem-estar social, acabou contribuindo para a opressão contra a população trans, estando diretamente relacionada à cisgeneridade compulsória e a cisnormatividade. Muitas travestis ainda possuem a noção de que são doentes por serem do jeito que são, o que é um resquício das produções científicas do século XX sobre o tema. (CAVALCANTE et al, 2016)

Paralelamente a isso, conforme a fala delas, entendemos que a mídia e a ciência não têm dialogado de maneira adequada com as suas demandas, nem apontando quais suas reais necessidades; ainda retratam as travestis de maneira bastante desfavorável. Isto, na vida de quem está em um processo de desenvolvimento, é algo bastante significativo. Sendo dispositivos de poder, muitas vezes continuam a serviço da normatização das sexualidades. (FOUCAULT, 1988)

### 3.5 Relacionamentos afetivos: entre encontros e desencontros

Os relacionamentos afetivos, principalmente na família e nas amizades, são apresentados por elas como de grande importância em seu desenvolvimento. A família é vista como barreira: “a mamãe sempre foi muito ruim comigo nessa parte né, ela não me ouvia, ela ouvia os outros, ela queria um filho homem” (Joana); “meus irmãos, não tinha muita convivência com eles, que eles se acham melhores do que eu” (Maria). Isso também é percebido nas falas: “no começo é uma tragédia, o mundo vai...a nossa mãe, a nossa família, é uma tragédia, o mundo vai terminar” (Bruna); “ele me rejeitou em questão disso, ele fechou o amor dele porque ele queria uma coisa e eu não fui, que ele queria um neto homem, quando ele descobriu que eu ia ser travesti” (Adria).

Em uma sociedade marcada rigidamente pelas questões de gênero e sexualidade, o desenvolvimento da identidade travesti é acompanhado de perto por todos os processos de





violência, sendo na família que tais situações mais se fazem sentir. As diversas formas de violência vivenciadas na trajetória de travestis são perpetuadas como manifestações simbólicas legitimada pela cultura que as tenta trazer para a ‘normalidade heterossexual’. É no ambiente familiar que travestis vivenciam ainda na fase infantil a violência; quando os filhos não podem ter determinadas posturas sem serem repreendidos pelos pais que estabelecem, desde a tenra idade, a divisão entre ‘atitudes de meninos’ e ‘atitudes de meninas’. Como afirmam Silva et al (2016, p. 47.): “membros da família são alguns dos principais agressores das travestis.”

De acordo com as falas anteriores, podemos inferir que em seus desenvolvimentos identitários houve alguns conflitos e dificuldades na família. Em termos de influências socio-históricas, é pertinente trazer este dado, visto que a família representa o lugar privilegiado da sociedade em que primeiramente desenvolvemos nossas relações afetivas, trocas e apreendemos sobre valores, crenças e regras. A família é também palco das expectativas dos pais e todo núcleo familiar em relação à sexualidade da criança, que direcionam, estabelecem limites e impõe regras. Entretanto, as expectativas *versus* a realidade, muitas vezes, é uma questão contraditória.

A família também é um lugar social onde houve acolhimento para algumas entrevistadas e as trazem boas lembranças: “eu mesmo, as minhas tias me davam maquiagem...meus tios são muito bacanas” (Adria); “as vezes eu saio só, saíu por aí...chego outro dia, ficam preocupados, ligam pra mim, as vezes o celular está descarregado...”. (Soraya) e ainda reitera que a sua relação com os familiares “é super ótima”. (Soraya) Essas falas podem expressar influências sociais positivas, na medida em que evidenciam que houve apoio familiar.

Outras relações satisfatórias entre os pares podem ser consideradas nas relações de amizade, como na fala de uma delas:

*sou do tipo de pessoa que dou muito valor a amizade, sou uma pessoa que moro só. Eu dou valor muito a amizade em questão disso; porque tem vezes que um amigo é até melhor do que um parente: questão de ajuda, questão de...fazer que, até de carinho...que eu tenho muitos amigos meus que faz[em] questão de [que eu esteja] dentro da casa deles com eles” (Adria).*

Estas trocas afetivas entre os pares foram e são fundamentais na vida de algumas delas; na sua própria inclusão em um grupo, de se sentirem pertencentes a um lugar: “quando a gente tinha 17, 18, todo mundo se reunia, a gente ia pra pracinha, ai já vendo as mais velhas arrumadas



e também quis me arrumar também, a gente ia pra boate, usava roupas femininas, começava a usar perucas e foi se transformando”. (Hilda)

Todas essas falas são significativas para compreensão de como os relacionamentos afetivos influenciam o desenvolvimento dessas travestis: a aceitação ou não na família e a sensação de pertencimento a um grupo. Mesmo que estas relações sejam marginalizadas socialmente, o mais significativo para elas é serem aceitas como são. Os relacionamentos têm grande impacto em suas vidas, como também apontam outras pesquisas. (KULICK, 2008)

A construção da identidade de qualquer indivíduo passa pela vivência com todos os contatos significativos com outros indivíduos durante o processo de desenvolvimento. A rede de apoio social é um importante fator de proteção durante toda a vida humana e pode ser composta pela família, colegas de trabalho/escola/universidade, pares e comunidade, que proporcionam o apoio necessário para gerenciar situações consideradas adversas e proporcionar ambientes adequados ao desenvolvimento. Dentre os principais fatores de proteção que podem ser listados com relação ao grupo social de travestis, estaria no ambiente das amizades a influência positiva dos pares. (SILVA; CERQUEIRA-SANTOS, 2014)

#### 4. Considerações

Em linha com uma perspectiva histórico-cultural, podemos enfatizar que a identidade é entendida mais como um processo do que como uma estrutura relativamente estável; sempre aberta para as negociações e subjetivações das pessoas em um determinado contexto, no qual os fenômenos sociais e subjetivos devem ser percebidos em sua historicidade. No caso das travestis participantes, esta influência é compreendida de diferentes aspectos, que apresentam contradições e contrastes na trajetória de vida de cada uma delas.

Existe um ideal de feminilidade na fala de muitas travestis, que não é naturalizado, mas fabricado nos moldes de uma sociedade do consumo – onde a beleza é representada por um corpo esculpido. O objetivo deste está em atender os anseios do capitalismo, no qual as pessoas valem pelo que têm; em outras palavras, se o que elas têm é um corpo escultural, é nele que reside o seu valor. Entretanto, este é um ideal de perfeição que qualquer pessoa jamais alcançará em sua totalidade, visto que a realidade humana e a noção de perfeição são mutáveis e contraditórias.



Os achados deste estudo apontam para uma forte influência das questões sociais, históricas, políticas e culturais sobre o desenvolvimento identitário dessas pessoas. Quando pensamos em qualquer processo de desenvolvimento, independente de uma pessoa fazer parte do universo masculino ou feminino, devemos atentar para a realidade ocidental, na qual existe uma implicação fatalista que cria uma certa naturalização entre corpos, sexualidades e gêneros. Isto acarreta que as maneiras de ser das pessoas estejam carregadas por essas concepções, que naturalizam modos de existência e introjetam nas pessoas a única responsabilidade pelo seu processo de desenvolvimento – retirando delas sua historicidade, protagonismo e conscientização de sua participação na determinação de suas condições de vida.

Percebemos, nos achados deste estudo, que as significações existentes no nível coletivo sobre as travestis acabam infiltrando para as elaborações subjetivas que estas próprias constroem sobre suas vivências, de maneira que seus modos de vida também são reiterados por algumas delas. É possível inferir que existe um poder no meio social que cria formas normativas de desenvolvimento humano, atrelados a uma visão biologizante; estes encontram-se representados prioritariamente nos meios de comunicação e nos escritos científicos sobre as travestilidades enquanto construção de gênero e sexualidade. Este poder legitimador também influencia direta ou indiretamente nos seus processos de apreensão de significados sobre o que é ser uma travesti – vista, na maioria das vezes, de maneira bastante pejorativa.

É evidente a relação de poder que a ciência, os meios de comunicação e as expressões artísticas e culturais possuem historicamente em legitimar determinadas formas de existência. No caso das travestis participantes, nos sinalizaram que em seu processo de desenvolvimento devemos sermos atentos e cautelosos ao tentar apreender a forma de existência das pessoas e grupos – entendendo que podemos postular lugares cristalizados para estas pessoas ou criar visões reducionistas sobre suas formas de ser ou modos de vida.

---

## Referências

- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 94, n. 236, p.299-322, 2013.
- ALOS, A. P. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.19, n.2, p.421-449, 2011.



- AMARAL, M.S.; SILVA, T. C.; CRUZ, K. O., TONELI, M. J. F. Do travestismo às travestilidades: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. *Psicologia e Sociedade*, Recife, vol.26, n.2, pp.301-311, 2014.
- BENEDETTI, M. *Toda feita*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BICALHO, P. P. G.; GERALDINI, J. R.; MAGALHAES, K. C.; CASSAL, L. C. B. Os direitos sexuais e o enfrentamento da violência sexual. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.33-43 2012.
- BORBA, R.; OSTERMANN, A. C. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 409-432, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diário Oficial da União*, Brasília, n. 12, seção 1, p. 59, 13 jun. 2013.
- BRITZMAN, D. Professor@s e Eros. *Educar em revista*, Curitiba, v.25, n. 35, p.53-62, 2009.
- CARDOZO, F. *Das dimensões da Coragem: Socialidades, Conflitos e Moralidades entre Travestis em uma cidade no Sul o Brasil*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- CAVALCANTE, A. D. C.; ARAUJO, C. A. R.; NETO, J. T. A.; FERREIRA, L. C. de O.; MELO, T. C. de L. Despatologização das identidades trans: a saída para uma sociedade mais igualitária. *Ciências Humanas e Sociais*. Maceió, v. 3 n.3 p. 69-84, 2016.
- DAMÁSIO, A. C. *Botando corpo (re)fazendo gêneros: uma pesquisa etnográfica sobre travestis e drag queens*. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22333>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- DANTAS, B. S. A. “Sexualidade, cristianismo e poder”. *Estudos e pesquisas em psicologia*, UERJ, RJ, ano 10, n.3, p. 700-728, 2010.
- DAVI, E. H. D.; BRUNS, M. A. T. Mundo-vida travesti: abordagem fenomenológica das travestilidades. *Temas em psicologia*, Ribeirão Preto, vol.23, n.3, pp. 521-533, 2015.
- DINIS, N. F., PAMPLONA, R. S. Encontrando Bianca: discursos sobre o corpo-travesti. *Pro-Posições*. Campinas, v. 25, n. 2 (74), p. 217-236 | maio/ago. 2014.
- DINIS, N.; LUZ, A. A. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007.
- DUQUE, T. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FARIA, E.; SOUZA, V. L. T. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 15, n. 1, p.35-42, 2011.
- FERREIRA, R. S. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 2, p.35-45, 2009.
- FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 1988.
- FRANÇA, I. S. X.; BAPTISTA, R. S. A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 60, n. 2, p.202-206, 2007.
- GIONGO, C. R.; MENEGOTTO, L. M. O., PETTERS, S. Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v.32, n.4, p.1000-1013, 2012.
- HEILBORN, M. L. “Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência”. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.57-68, 2012.
- JIMENEZ, L.; ADORNO, R. C. F. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 33, 2009.



- KAHHALE, E. M. S. P.; ROSA, E. Z. A construção de um saber crítico em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. (Orgs.). *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. - São Paulo: Cortez, 2009.
- KULICK, D. TRAVESTI: *Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- LIMA, L. S. H. O papel do consumo na construção do habitar imaginário feminino apresentado no filme *Confessions of a Shopaholic*. *Ex aequo.*, Lisboa, n.22, pp.41-57, 2010.
- LOMANDO, E.; NARDI, H. C. Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. *Saúde em debate*, Rio de Janeiro, v. 37, p. 98, 2013.
- MARTINS, M. A. M.; FERNANDEZ, O.; NASCIMENTO, É. S. Acerca da violência contra LGBT no Brasil. Entre reflexões e tendências. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- MOTT, L.; FERNANDEZ, O.; MARTINS, M.; NASCIMENTO, E. *Crimes Homofóbicos no Brasil: Panorama e Erradicação de Assassinatos e Violência contra GLBT, 2000-2007*. Salvador: Relatórios de Pesquisas, 2010 (memo).
- OLIVEIRA, G. T. S.; INCERTI T. G. V.; CASAGRANDE, L. S. Impactos da mídia na construção da identidade psicossocial da criança contemporânea. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 6., 2015, Rio de Janeiro. *Anais [...]* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015, p. 1-1
- PALMA, Y. A.; LEVANDOWSKI, D. C. “Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas”. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p.771-779, 2008.
- PHILIPPI, J. N. “Considerações sobre a sexualidade humana”. In: PILLAR GROSSI, M. et al. *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 25-30.
- RAMOS, S.; CARRARA, S. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 185-205, 2006.
- RONDAS, L. O. e MACHADO, L. R. S. Inserção profissional de travestis no mundo do trabalho: das estratégias pessoais às políticas de inclusão. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rei, v.10, n.1, p. 192-205, 2015.
- RUBIO, D. M. Sexualidad y afecto entre los macuna y los nükak, pueblos de la amazonia colombiana. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 41, p. 63-75, dez. 2013.
- SILVA, B. B.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. *Revista da SPAGESP*, Ribeirão Preto, v.15, n.2, pp. 27-44, 2014.
- SILVA, G. W. S., SOUZA, F. L.; SENA R, C.; MOURA, I. B. L.; SOBREIRA, M. V. S.; MIRANDA, F. A. N. Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. *Revista Gaúcha de Enfermagem.*, Porto Alegre, v.37, n. 2, e56407, 2016.
- TERTO JR., V. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p.147-158, 2002.
- YVYGOTSKY, L. S. *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- WOITOWICZ, K. J. “Consumo e desejo na construção de imagens femininas”. *Revista Estudos Feministas.*, Florianópolis, v.14, n.3, p.834-836, 2006.

